

CHAPADA da PALMA ROXA

Edição comemorativa



Tereza Albues

CHAPADA
da PALMA ROXA



CUIABÁ, 2019

Copyright © 2019 by Tereza Albues e herdeiros
Todos os direitos desta edição reservados à Entrelinhas Editora.

EDITORA | DESIGNER
Maria Teresa Carrión Carracedo

REVISÃO
Marinaldo Custódio

ARTE-FINALIZAÇÃO
Maike Vanni

OBRA DA CAPA E DETALHES DO INTERIOR
Chapada da palma roxa, técnica mista: acrílica sobre lata recortada e tela,
50 x 59,4 cm, Márcio Aurélio (2019)

PRODUÇÃO GRÁFICA | FOTOS DA OBRA DA CAPA E INTERIOR
Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albues, Tereza
Chapada da palma roxa / Tereza Albues. --
Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

“Edição comemorativa aos 25 anos da
Entrelinhas Editora”
ISBN 978-85-7992-133-9

1. Ficção brasileira I. Título.

19-29972

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Av. Senador Metelo, 3773, Jardim Cuiabá | CEP 78030-005 | Cuiabá/MT
Tel.: (65) 3624 5294 / 3624 8711 | editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

Para Max e Joshua
meus filhotes
companheiros de
travessias mágicas
nas asas das borboletas
amarelinhas do Pantanal.



“Busque dentro de você o que
está procurando em mim,
não sou fonte de sabedoria,
sou peregrina em busca do
conhecimento.”

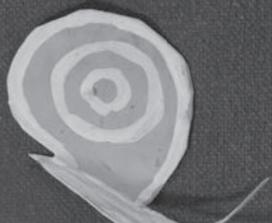
Ana Cigana



“Há um universo despercebido
fervilhando paralelamente às
aparências que você conhece.”

Miranda







Uma escritora singular

Ênio Silveira¹

Como é estranho, paradoxal, o mundo da criação literária! Há pessoas que têm pouco a contar (frequentemente mal sabendo fazê-lo) e, no entanto, acometem nossos olhos com desconfortável regularidade; outras, como é o caso — por mera coincidência — de dois mato-grossenses algo arredios dentro da zelosa privacidade intelectual em que se mantêm — a romancista Tereza Albuês e o poeta Manoel de Barros — tendo muito dentro de si, são um tanto ou quanto homeopáticos no tocante ao volume do que se dignam colocar diante dos leitores.

Tereza Albuês não se dá ao cuidado de explicar a razão desse ritmo algo bissexto com que revela o que escreve. Timidez? Excesso de zelo? Insegurança? Perfeccionismo? As indagações pairam no ar, num frustrante silêncio, enquanto ela se compraz na manipulação

1 Texto do editor Ênio Silveira (1925-1996) à primeira edição de *Chapada da Palma Roxa*, publicada por ele na série *Ficção Brasileira* da Atheneu-Cultura, do Rio de Janeiro, em 1990. Ao longo da vida Silveira publicou cerca de 6 mil obras. Formou-se em Ciências Sociais pela USP e em Edição pela Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Começou sua carreira como integrante da equipe de Monteiro Lobato na Companhia Editora Nacional. A partir dos anos 1950 dirigiu a Editora Civilização Brasileira, que em suas mãos se tornou uma das maiores do Brasil. Entre 1964 e 1969 foi preso sete vezes pela resistência democrática que liderava no campo editorial. Ênio Silveira lançou, entre tantos outros autores, Dias Gomes, Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, Dalton Trevisan, Nelson Werneck Sodré, Leandro Konder. Da literatura universal, publicou James Joyce, Brecht, Cortázar, Fitzgerald, Kafka, Faulkner e apresentou ao país as obras de Marx, Engels, Gramsci, Lukács. A forma como publicou o livro “Poema Sujo”, que Ferreira Gullar gravou no exílio na Argentina em uma fita, levada a Silveira por Vinicius de Moraes durante a ditadura, ilustra o seu atrevimento como editor. Com a sua morte, a editora foi absorvida pelo Grupo Record.

dum conta-gotas literário que, a longos intervalos, vai pondo em cena pequenas obras frementes de vida e de autenticidade, como *Pedra Canga e, agora, Chapada da Palma Roxa*.

Como William Faulkner, ela parte do microcosmo regional — sem fazer obra regionalista — para o universal da condição humana, desse torvelinho de sonhos e paixões, de pequenas vitórias ou grandes derrotas nos embates com o dia a dia de cada um, ao exercerem com maior ou menor competência aquilo a que Cesare Pavese, com tanta felicidade, denominou “a tarefa de viver”.

A escritora está muito mais interessada no “ser” do que no “ter”. É por isso mesmo que sua obra — *pauca sed bona* — revela personagens extraídas da realidade existencial, que é ao mesmo tempo rigorosamente específica do indivíduo e perturbadoramente múltipla do coletivo humano. Somos todos distintos uns dos outros na adequação à experiência vivida, mas somos também muito próximos na reação psicológica à síntese dialética que cada um vai elaborando no curso de sua existência. Viver é olhar em torno de si, e reelaborar criticamente os avanços e recuos de nossos semelhantes.

Sem teorizações rebuscadamente intelectuais, Tereza Albues nos põe em contato com um mundo em permanente mudança sociológica. Suas personagens, não sendo símbolos, muito menos arquétipos, têm a força criativa e transformadora de suas contradições. Por isso vivem e assumem nítido contorno na imaginação e/ou na memória afetiva dos que passam a conhecê-las de leitura, mas também de convívio que se estende para além das páginas de um livro, para ser edificante, exemplar.

Pensando bem, é antes em qualidades humanas como essas, do que em virtudes formais e técnicas, que, ao longo dos séculos, tem-se apoiado a ficção mais consequente. Por ser uma forma de catarse, seus autores são os mais exigidos leitores de si próprios, o que, talvez, explique a severa restrição que Tereza Albues se (nos) impõe.





Porto Garça, situada em região montanhosa, ocupava um lugar privilegiado no vale do Cascudo, banhada pelo rio Quiraré, cercada de densa vegetação. Cidade de casario simples, cores variadas, azul, verde, rosa, com predominância do branco. Nos telhados encardidos, os rastros da passagem do tempo. Bem conservada, ruas arborizadas, muitos moradores, pacata, limpa, acolhedora. Trânsito descansado, poucos carros, charretes e carroças transportando gente e carga. Uma linha de ônibus local, outra interestadual composta por duas caminhonetes velhas da prefeitura, saídas semanais, horário incerto, com direito a recusa de passageiros, adversários políticos do prefeito do PSD, Afrânio Melo Abrantes.

Vila das Flores, o bairro mais populoso da cidade. A maioria das casas se aglomerava perto do rio. Seis delas se alinhavam bem no barranco do Quiraré e se destacavam das demais. Grandes, bonitas, vistosas, arquitetura colonial, cantarias, azulejos e telhas portuguesas. Com imensos quintais plantados: mangueiras, cajueiros, coqueiros, goiabeiras, mamoeiros, laranjeiras. Na frente, jardins floridos com portões de ferro lavrado ostentando no alto, em letras trabalhadas, a indicação dos nomes: Vila do Cravo, das Margaridas, do Girassol, das Violetas, das Dálías, dos Gerânios. Foram as primeiras casas a serem construídas no local, dando origem ao nome do bairro.

Lanchas, canoas, barcos a remo trafegavam constantemente pelo Quiraré. Abundância de peixes. Vaivém de pescadores. De rede e de anzol. Balaios cheios. Alegria. Algazarra despertando a madrugada. Lavadeiras tagarelas inundavam as margens. Pedras

imensas serviam de batedouro. Roupas para corar, alvinhas, cheirando a anil. O povo ribeirinho vivia de pesca, criação de galinhas, porcos, cabras, plantação de hortaliças. As mulheres bordavam, costuravam, teciam redes, faziam potes, moringas, panelas de barro, doces caseiros, bolos de aniversário e casamento. Todo o produto vendido na feira semanal do Largo do Arrastão. Menos os peixes. Que podiam ser comprados diariamente no Mercado Municipal. Fresquinhos.

A vida transcorria molemente. No mesmo ritmo do rio. Manso, sem quedas-d'água, corredeiras. Sem sobressaltos para as embarcações nem surpresas para os moradores do bairro. Nenhuma turbulência. Como o dia a dia da pequena cidade, sem grandes novidades. Missa aos domingos, quermesse, disse me disse das comadres, festas de padroeiros, casamentos, batizados, velórios. O cotidiano se repetindo. No compasso do tempo inalterado. Até o dia 20 de março de 1948, quando se ouviu um grito desesperado:

— Mataram uma criança! Mataram uma criança! Meu Deus do Céu. Acode, gente. É o fim do mundo.

Acudiram. A vizinhança desnorteada, portas e janelas mostrando rostos espantados, olhares incrédulos. Susto. Assombro. O que pensar?

— Calma, dona Sebastiana. Sossega. O que aconteceu? — perguntou Ismália, moradora da Vila das Violetas.

— Calma? Como posso ter calma depois do que acabo de ver? Que crueldade! A cara do inocentinho. Roxinha. Olho comido de peixe. Ai, meu Deus. Por que permitiste crime tão horrendo?

— Crime? Que crime? Do que a senhora tá falando? Explica logo — insistiu Ismália torcendo as mãos, coração acelerado.

— Tá lá na beira do rio, dentro dum saco de estopa. Amarraram a boca do saco com corda de embira, o nó desatou, entrou peixe, começou a roer o pobrezinho. Pedro Inácio, meu marido, encontrou a corpo, quer dizer, pescou. O anzol enroscou no saco, ele puxou, estranhou o peso. Peixe taludo? Difícil de acreditar, cadê resistência? Assim mesmo continuou puxando, curioso, só para ver